

Escala de *Phubbing* para Relacionamientos Amorosos: Evidências de Adequação Psicométrica

Partner Phubbing Scale: Evidence of Psychometric Adequacy

Escala de *Phubbing* en la Pareja: Evidencia de Adecuación Psicométrica

Iara do Nascimento Teixeira y Sandra Elisa de Assis Freire
Universidade Federal do Piauí

(Rec: marzo de 2019 - Accept: marzo de 2020)

Resumo

O presente trabalho foi organizado em dois estudos e teve por objetivo adaptar e buscar evidências de validade e precisão da Escala de *Phubbing* para Relacionamientos Amorosos (EPRA) para o contexto brasileiro. O Estudo 1 teve a participação de 233 pessoas em relacionamento amoroso, 52,4% eram do sexo feminino, tendo média de idade de 30,9 anos (min. 18, máx. 62 e $dp=9,23$). pessoas enquanto o Estudo 2 contou com 217 pessoas também em relacionamento amoroso, sendo que 62,2% era do sexo feminino, tendo média de idade de 25 anos (min. 18, máx. 53 e $dp=5,98$). Em ambos os estudos eles responderam à EPRA e a questões sociodemográficas. Os resultados do Estudo 1 foram a nível exploratório apontando a unidimensionalidade do instrumento com consistência interna de 0,90; no Estudo 2 a análise fatorial confirmatória apontou para bom ajustamento do modelo unidimensional (CFI = 0,99; TLI = 0,99; e RMSEA (IC 90%) = 0,033) com confiabilidade de 0,88. Os dados sugerem que a EPRA é adequada para uso em pesquisas futuras sobre o *partner phubbing*, visto sua adequação aos parâmetros psicométricos investigados em dois momentos diferentes.

Palavras-chave: Partner Phubbing; Escalas; Validação; Precisão; Psicometria.

Abstract

This work was organized in two studies and aimed at adapting and validating the Partner Phubbing Scale for the Brazilian reality. Study 1 had the participation of 233 people in a romantic relationship, 52,4% were female, with an average age of 30,9 years (min. 18, max. 62 and $SD = 9.23$) while Study 2 had 217 people also in a romantic relationship, 62,2% were female, with an average age of 25 years (min. 18, max. 53 and $SD = 5.98$). In both studies, respondents answered the Partner Phubbing Scale and sociodemographic questions. The results of Study 1 were at the exploratory level evidencing the unidimensionality of the instrument with an internal consistency of 0,90. In Study 2, the confirmatory factor analysis evidenced a good fit of the one-dimensional model (CFI = 0,99; TLI = 0,99; e RMSEA (IC 90%) = 0,033) with reliability of 0,88. The data suggests that the Partner Phubbing Scale is suitable for future research on the phubbing partner, given its adequacy to the psychometric parameters investigated at two different times.

Keywords: Partner phubbing; scaling; validity; reliability; psychometrics.

Resumen

El presente trabajo fue organizado en dos estudios y tuvo por objetivo adaptar y validar la Escala Partner *Phubbing* para la realidad brasileña. El estudio 1 contó con la participación de 233 personas en una relación romántica, el 52,4% eran mujeres, con una edad promedio de 30,9 años (mínimo 18, máximo 62 y $DE = 9,23$), mientras que el Estudio 2 tenía 217 personas también en una relación romántica, con un 62,2% de mujeres, con una edad promedio de 25 años (mínimo 18, máximo 53 y $DE = 5,98$). En ambos estudios respondieron a *Partner Phubbing Scale* y a cuestiones sociodemográficas. Los resultados del Estudio 1 fueron a nivel exploratorio, apuntando la unidimensionalidad del instrumento con una consistencia interna de 0,90; en el Estudio 2 el análisis factorial confirmatorio apuntó para un buen ajuste del modelo unidimensional (CFI = 0,99, TLI = 0,99, y RMSEA (IC 90%) = 0,033) con confiabilidad de 0,88. Los datos sugieren que el *Partner Phubbing Scale* es adecuado para su uso en investigaciones futuras sobre el *partner phubbing*, visto su adecuación a los parámetros psicométricos investigados en dos momentos diferentes.

Palabras claves: Partner Phubbing; Escalas; Validez; Precisión; Psicometría.

Introdução

Com a popularização do uso do telefone celular, tornou-se comum estar com o outro e fazer múltiplas checagens ao celular, mesmo sem receber notificações ou ligações. Esta questão é comprovada por estudos como de Rainie e Zickhur (2015) onde os dados apontam que 90% dos participantes estavam frequentemente com os seus celulares ao passo que 76% raramente ou nunca desligavam seus aparelhos, o que se torna um problema visto que os usuários relatam dificuldade de resistir a checar o seu celular independentemente da situação em que se encontrem, inclusive enquanto estão na presença de seus parceiros (Oulasvirta, Rattenbury, Ma, & Raita, 2012) causando interrupções e interferências nas relações interpessoais.

Diante disto, a *Macquarie Dictionary* convidou, em 2012, autores, poetas, léxicos, dentre outros para criar um neologismo que pudesse nomear este comportamento. Neste caso, as palavras foram: “*phone*” (telefone) e “*snubbing*” (esnobar), podendo ser entendido como o comportamento de usar o telefone celular enquanto está em companhia de outra pessoa, ignorando, assim, a pessoa que está presente fisicamente. O termo se popularizou através da campanha stop *phubbing* criada pela empresa de publicidade responsável pela divulgação do dicionário atualizado, através de site da campanha, página no Facebook e a criação do filme a *word is born* que mostra o processo de criação da nova palavra (Haigh, 2015). Neste estudo o foco será dado ao comportamento que acontece entre as pessoas que se encontram em um relacionamento amoroso, que é denominado *partner phubbing*.

McDaniel e Coyne (2016) estudaram a interferência que o uso da tecnologia causa nos relacionamentos amorosos e, de acordo com os resultados, as interrupções são frequentes durante o tempo de lazer do casal, no horário de refeições e conversas e está ligado à baixa satisfação no relacionamento, ao aumento de sintomas depressivos e à baixa satisfação com a vida. Os autores chegaram à conclusão de que o conflito criado em torno do uso da tecnologia se deve à mensagem transmitida implicitamente. A necessidade de estar ao celular atendendo a todas as notificações aparenta que estar disponível ao celular é mais importante que dar atenção ao parceiro, segundo os autores. Como a atenção humana tem suas limitações, a atenção dispensada ao telefone automaticamente interfere na qualidade da atenção disponibilizada ao parceiro. E, assim, as interrupções frequentes causadas pelo celular diminuem a satisfação no relacionamento amoroso (Duran, Kelly, & Rotaru, 2011), visto que para que o casal alcance satisfação mútua no relacionamento, é necessário que eles sejam presentes um para o outro (Siegel, 2010).

As pesquisas envolvendo o *partner phubbing* (ou *Pphubbing*) são recentes e têm trazido dados alarmantes, visto que o celular se tornou prejudicial aos relacionamentos, de acordo com os estudos a seguir. Em seu estudo inédito envolvendo o *Pphubbing* e satisfação com pessoas em relacionamentos, Roberts e David (2016) encontraram correlação negativa entre *phubbing* e satisfação com o relacionamento e positiva entre *Pphubbing* e depressão, ou seja, quando há a presença do comportamento de *phubbing* o nível de satisfação com o relacionamento tende a ser mais baixo ao passo que os sintomas depressivos tendem a aumentar. Concomitante a isto, Wong et al. (2017) encontrou os mesmos resultados com chineses

casados: *phubbing* sendo prejudicial à satisfação com o relacionamento e promovendo aumento de sintomas depressivos, confirmando a pesquisa realizada por Roberts e David (2016).

Em pesquisa recente, Halpern e Katz (2017) apontam que o *Pphubbing* reduz a qualidade percebida no relacionamento tendo duas principais causas: conflitos causados pelo comportamento de estar ao celular enquanto está com o parceiro e a ausência de intimidade devido à falta de foco no parceiro. Além disto, o uso excessivo do aparelho tem sido associado a problemas com proximidade, desenvolvimento de confiança (Przybylski & Weinstein, 2013) e insegurança nos relacionamentos amorosos. Estando sempre ao celular, atendendo as diversas notificações, faz com que o usuário esteja menos envolvido nas interações com presença física, causando conflito nos relacionamentos devido à indisponibilidade e, por sua vez, reduzindo a qualidade percebida do relacionamento (Miller-Ott, Kelly & Duran, 2012).

O estudo de Lenhart e Duggan (2014) apontou que nos Estados Unidos 25% das pessoas casadas dizem que seus parceiros se distraem por causa do uso do celular, ao passo que o dado sobe para 45% para os que não são casados, mas mantêm relacionamentos amorosos. A mensagem transmitida através do comportamento verbal e não verbal dos *Phubbers* (pessoa que pratica *Phubbing*) aos seus parceiros, como não fazer contato com os olhos ou não responder imediatamente, pode afetar a imagem que o parceiro tem dele (Abeele, Antheunis, & Schouten, 2016). Este comportamento é descrito por Misra et al. (2016) como “*absent presence*” (presença ausente), onde apesar de estar presente o parceiro necessita competir com o aparelho celular de seu parceiro por atenção, minando não só a disposição em estar presente para o outro como também a capacidade de oferecer um tempo juntos de qualidade. Isto se torna extremamente nocivo para os relacionamentos porque a interação interpessoal entre os parceiros é um dos mais importantes preditores para a satisfação do casal (Bradbury, Fincham & Beach, 2000).

Quanto à forma que o *partner phubbing* vem sendo mensurado, pesquisas como a de Halpern e Kaltz (2017) apenas perguntam aos participantes quantas vezes eles interrompem o encontro com o parceiro para checar o celular, com qual frequência e qual a duração dos episódios sofridos/praticados de *phubbing* (Chotpitayasunondh & Douglas, 2016) ou tem usado escalas sobre o uso do celular como a *Cell Phone Rules Scale [CPRS]* (Duran et al., 2011) e *Mobile Phone Involvement Questionnaire (MPIQ)* que, através de uma escala likert de 7 pontos mensura questões relacionadas ao uso do celular, incluindo o conflito gerado nas relações interpessoais (Walsh, White & Young, 2010).

Em contrapartida, diante da ausência de medidas para a mensuração específica do *partner phubbing*, Roberts e David (2016) desenvolveram a Escala de *Phubbing* para Relacionamentos Amorosos a partir da revisão na literatura científica e nas publicações populares, como revistas, e reuniram cerca de 30 estudantes universitários aos quais pediram que cada um criasse pelo menos 5 itens. Gerou-se um banco de mais de 100 itens que foram analisados pelos autores que removeram aqueles que acreditavam não capturarem a essência do *Pphubbing* ou eram redundantes, deste processo restaram 19 itens. Os itens foram respondidos por 308 adultos americanos (48% feminino e 52% masculino) e, após realização de uma

análise fatorial exploratória, restaram 9 itens (todos com carga fatorial acima de 0,60) que passaram por uma análise fatorial confirmatória para verificação de sua estrutura, obtendo bons índices de ajustamento ($X^2 = 80,02$, $df = 27$; $CFI = 0,97$; $NFI = 0,96$).

Após a publicação do estudo citado, diversas validações para outros países têm sido apresentadas. Em 2017, Wang et al. (2017) utilizou a Escala de Phubbing para Relacionamentos Amorosos com casais chineses apontando alfa de cronbach igual a 0,80 com os índices χ^2 (62 , $N=243$) = 152,17, $p < 0,001$; $CFI=0,095$; $RMSEA=0,078$, provindos de análise fatorial confirmatória; Cizmeci (2017) fez a sua adaptação para o contexto da Turquia, onde encontrou dados que confirmam a estrutura original da escala e sua precisão com alfa igual a 0,89, realizou tanto a análise fatorial exploratória quanto a confirmatória, tendo a maioria dos itens acima de 0,69 com exceção do item 7 que apresentou 0,45 de carga fatorial na análise exploratória. Quanto à análise fatorial confirmatória os índices foram: $X^2/df = 3,48$; $GFI=0,96$; $AGFI=0,93$; $NFI=0,98$; $NNFI=0,98$; $IFI=0,99$; $CFI=0,99$; $RMSEA=0,070$.

Enquanto Água et al. (2018), realizou a validação da escala para o contexto português através de uma análise fatorial confirmatória ($X^2/df = 2,369$; $RMSEA= 0,063$; $NFI= 0,955$; $CFI= 0,976$; $GFI=0,964$) onde obteve uma confiabilidade de 0,92, González-Riviera, Segura-Abreu e Urbistondo-Rodríguez (2018) apresentaram a versão para Porto Rico se utilizando de análise fatorial exploratória (todo os itens acima de 0,49) e análise fatorial confirmatória ($\chi = 2 42.79$ (26) $p < 0,02$; $RMSEA=0,050$, $CFI=0,99$; $TLI=0,99$) com consistência de 0,93 confirmando a usabilidade da escala para pesquisas.

Considerando a qualidade psicométrica que a escala tem mostrado ao redor do mundo e a importância de se compreender mais sobre o *partner phubbing*, visto a ausência de instrumentos disponíveis no Brasil, faz-se necessário considerar a Escala de *Phubbing* para Relacionamentos Amorosos como medida para tal. Sendo assim, este estudo teve por objetivo fazer a adaptação e validação da Escala de *Phubbing* para Relacionamentos Amorosos para o contexto brasileiro, reunindo evidências de sua validade de construto (validade fatorial e consistência interna) em dois estudos.

ESTUDO 1

Método

Participantes.

O estudo contou com uma coleta de forma não probabilística (de conveniência). A amostra foi formada por 233 pessoas da cidade de Parnaíba - PI, destas, 52,4% eram do sexo feminino, tendo média de idade de 30,9 anos (min. 18, máx. 62 e $dp=9,23$). Em que, 56,7% eram casados e o tempo médio de permanência no relacionamento foi de 94,2 meses (min. 6 meses, máx. 420 meses e $dp=93,2$). Quanto à escolaridade 39,1% possuíam Ensino Superior Incompleto, 24,5% Ensino Superior Completo, 20,2% Pós-graduação, 8,2% Ensino Médio Completo, 6% Ensino Médio Incompleto, 1,3% Ensino Fundamental Completo e 0,9% Ensino Fundamental Incompleto.

Instrumentos.

Os participantes responderam ao questionário sociodemo-

gráfico, que continha perguntas com o objetivo de caracterizar a amostra, a exemplo de idade, gênero, escolaridade e renda, como também responderam à Escala de *Phubbing* para Relacionamentos Amorosos (Roberts & David, 2016) em uma escala *Likert* de 5 pontos, sendo 1 = nunca, 2 = raramente, 3 = às vezes, 4 = frequentemente e 5 = o tempo todo. A escala teve 9 itens no primeiro estudo, configuração original apresentada por Roberts e David (2016) com confiabilidade de 0,93 e bons índices de ajustamento ($X^2 = 80,02$, $df = 27$, $n = 308$; $CFI = 0,97$; $NFI = 0,96$).

Procedimentos.

Após aprovação do Comitê de Ética responsável e permissão dada pelo autor da escala original, a mesma foi traduzida seguindo a técnica de *back translation* descrita por Cha, Kim e Erlen (2007), onde dois tradutores bilíngues realizaram a tradução do inglês para o português e em seguida a retrotradução do português para o inglês, onde as versões foram comparadas e consideradas equivalentes. Ressalta-se que os tradutores não mantiveram contato durante a tradução da escala.

Posteriormente, a escala passou por Validação Semântica, que após assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias e serem esclarecidas todas as questões de sigilo e confidencialidade das respostas, 30 participantes responderam ao instrumento. Depois de respondido foi perguntado a cada participante sobre dificuldades para compreender os itens e dificuldade no processo de resposta. Não foram apontadas dificuldade na compreensão dos itens e escala de resposta, permitindo passar à etapa seguinte sem reformulações.

Em seguida, considerando os mesmos aspectos éticos, a escala foi unida a um questionário sociodemográfico ao qual foi aplicado aos participantes do Estudo 1 garantindo o sigilo e anonimato dos participantes.

Análise de Dados.

Utilizou-se os softwares SPSS (v. 22) para análise de estatísticas descritivas (medidas de tendência central e dispersão, distribuição de frequência) com a finalidade de caracterizar a amostra e o FACTOR (10.05.03). Com o FACTOR (10.5.03), realizou-se a Análise Fatorial Exploratória (AFE) utilizando-se da *Minimum Rank Factor Analysis* (Shapiro & Ten Berge, 2002) como método de extração e o *Hull-Comparative Fit Index* (Baglin, 2014) como método de retenção de fatores. Foram utilizadas as matrizes de correlação policóricas e índice de ajuste CAF (*Common part Accounted For*), indicados para dados ordinais e que não apresentam distribuição normal (Holgado-Tello, Chacón-Moscoco, Barbero-García, & Vila-Abad, 2010). Além disso, foi estimado a fidedignidade da escala através do SPSS (v.22).

Resultados

Antes de serem iniciadas as análises, o score do Item 7 foi revertido, como indica os autores (Roberts & David, 2016). Deste modo, as análises, e por consequência os resultados, descritivos foram realizadas após a reversão deste item.

Análise Fatorial Exploratória

Avaliou-se a adequação dos dados para a execução da Análise Fatorial Exploratória (AFE) através do teste Kayser-Meyer

Olkin que trabalha com correlações parciais das variáveis e aceita valores acima de 0,60 para a possibilidade de execução da AFE onde se obteve ($KMO = 0,91$) sendo considerado um índice bom; e do teste de esfericidade de Bartlett que confirma a hipótese da matriz de covariância ser uma matriz identidade, valores significativos rejeitam esta hipótese, possibilitando a AFE. No caso deste estudo o teste de Esfericidade de Bartlett foi de: $\chi^2 (36) = 1012,4$, $p < 0,001$.

Com a possibilidade da execução da Análise empregou-se o método Hull que indicou a unidimensionalidade da escala ($CFI=0,45$, $gI=27$), o que pode ser observado pela melhor proporção entre o índice de ajuste e os graus de liberdade deste modelo em relação aos demais modelos possíveis, como descrito na Tabela 1.

Tabela 1. Método de Hull para seleção do número de fatores

Goodness-of-fit index: Método para extração de dimensões		CFI (Comparative Fit Index). ULS	
Número de Fatores	CFI	GI	Valores no Scree-test
0	0,08	36	0,00
1	0,45	27	16,80*
2	0,47	19	0,00

* Número de fatores recomendado pelo critério HULL-CFI

O fator encontrado pelo método de Hull explica 82.2% da variância total. A estrutura conta com 8 itens com carga fatorial variando entre 0.88 (item 5 - Meu parceiro checa seu celular enquanto conversa comigo) e 0.64 (item 2 - Meu parceiro coloca seu celular onde ele possa ver quando estamos juntos). Foi utilizado como critério para definir a pertença do item ao

fator, saturação igual ou superior a 0,40, sendo eliminado o item 7 (Meu parceiro não usa o telefone enquanto estamos conversando) com valores inferiores a este (0,28). Os resultados podem ser melhores visualizados na Tabela 2.

Tabela 2. Estrutura Fatorial da Escala de Phubbing para Relacionamentos Amorosos

Itens	Conteúdo dos itens	Carga	h^2
5	Meu parceiro checa seu celular enquanto conversa comigo	0,88*	0,87
6	Durante o tempo livre que podemos estar juntos, meu parceiro usa o seu celular	0,85*	0,80
8	Meu parceiro usa o seu celular quando saímos juntos	0,81*	0,84
3	Meu parceiro mantém o celular em sua mão quando está comigo	0,78*	0,75
9	Se houver uma pausa em nossa conversa, meu parceiro checa seu celular	0,77*	0,73
4	Quando o telefone do meu parceiro toca ou vibra, ele pega o telefone mesmo que estejamos no meio de uma conversa	0,76*	0,69
1	Durante as refeições que temos juntos, meu parceiro checa seu celular	0,72*	0,68
2	Meu parceiro coloca seu celular onde ele possa ver quando estamos juntos	0,64*	0,51
7	Meu parceiro não usa o telefone enquanto estamos conversando	0,28	0,19
Número de itens		8	
Valor Próprio		5	
% de variância		82,2	
Alfa de Cronbach		0,90	

A partir do exposto, a Escala de Phubbing para Relacionamentos Amorosos é válida para uso no contexto brasileiro em sua versão com 8 itens já que apresenta bons parâmetros psicométricos, a saber evidências de validade e confiabilidade. Entretanto, faz-se necessário realizar uma análise fatorial confirmatória para verificar se a hipótese de relacionamento entre as variáveis está correta. Para tanto, realizou-se o Estudo 2.

ESTUDO 2

Método

Participantes.

O Estudo 2 contou com 217 participantes, onde 62,2% era do sexo feminino, tendo média de idade de 25 anos (min. 18, máx. 53 e $dp=5,98$). Estavam namorando 71,4%, e o tempo médio de permanência no relacionamento foi de 46,8 meses (min. 6 meses, máx. 324 meses e $dp=54,3$). Quanto à escolaridade, 52,1% possuíam Ensino Superior Incompleto, 17,1% Ensino

Superior Completo, 17,1% Pós-graduação, 11,5% Ensino Médio Completo, 1,8% Ensino Médio Incompleto, e 0,5% Ensino Fundamental Completo. Estas pessoas foram abordadas em seu ambiente de trabalho, nas ruas, em suas residências e na universidade desde que se disponibilizassem a participar da pesquisa.

Instrumentos

Semelhante ao estudo 1, os participantes responderam ao questionário sociodemográfico, que continha perguntas com o objetivo de caracterização, a exemplo de idade, gênero, escolaridade e renda, como também responderam a Escala de *Phubbing* para Relacionamentos Amorosos, a versão brasileira validada no Estudo 1, com 8 itens e confiabilidade de 0,90.

Procedimentos.

Após as análises do primeiro estudo, houve uma segunda aplicação da Escala de *Phubbing* para Relacionamentos Amorosos junto ao questionário sociodemográfico para o estudo 2. O questionário foi respondido individualmente, levando em média 10 minutos para a finalização. Enfatiza-se que o processo obedeceu a todos os critérios éticos de pesquisa com seres humanos em acordo com o manual da APA (American Psychological Association) e com a declaração de Helsinque. O questionário foi respondido após todos os esclarecimentos éticos e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias.

Análise de Dados.

A Análise Fatorial Confirmatória foi realizada utilizando o R (R Core Team, 2015) com estimador Weighted Least Square Mean and Variance Adjusted (WLSMV), através do pacote Lavaan (Rossee, 2012). A adequação do modelo foi avaliada a partir dos seguintes indicadores de bondade:

Comparative Fit Index (CFI) – Indicador adicional de ajustamento do modelo. Funciona comparando modelos alternativos e seus valores vão de 0 (ajuste nulo) até 1 (ajuste perfeito), os valores superiores a 0,90 são aceitáveis para um modelo bem ajustado.

Tucker – Lewis Index (TLI) – Segundo Hair et al. (2009), este indicador determina se todos os indicadores associados são associados a um único fator latente, comparando o modelo estimado com um modelo teórico nulo. O ajuste é robusto se estiver acima de 0,95.

Root-Mean-Square Error of Approximation (RMSEA) – Possui intervalo de confiança de 90% (IC90%) e testa os residuais entre o modelo teórico estimado e os dados empíricos obtidos. Diferente dos anteriores, quanto menor o valor deste indicativo, mais ajustado estará o modelo, sendo o recomenda valores iguais ou inferiores a 0,05, entretanto é comumente aceito valores até 0,10 como indicando um modelo aceitável.

Análise Fatorial Confirmatória.

Para verificar a validade da Escala de *Phubbing* para Relacionamentos Amorosos, realizou-se uma Análise Fatorial Confirmatória tendo como modelo a estrutural unifatorial de 8 itens resultante da Análise Fatorial Exploratória encontrada no Estudo 1 deste trabalho. Como resultado, o modelo apresentou um excelente ajuste, com os seguintes indicadores de bondade: *CFI* = 0,99; *TLI* = 0,99; e *RMSEA* (IC 90%) = 0,033 (0,00 – 0,071). Destaca-se que todos os lambdas foram esta-

tisticamente diferentes de zero ($\lambda \neq 0$; $z > 9,95$, $p < 0,05$). Na representação gráfica a seguir podem ser observadas as cargas fatoriais dos itens.

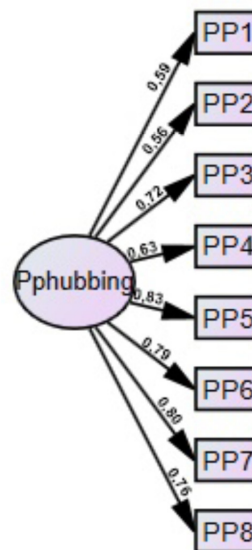


Figura 1. Modelo Estrutural da Escala de Phubbing Para Relacionamentos Amorosos

Conforme observado, a escala reuniu os 8 itens do modelo com cargas fatoriais variando entre 0,56 [Item 2. *Meu parceiro coloca seu celular onde ele possa ver quando estamos juntos*] e 0,83 [Item 5. *Meu parceiro checa seu celular enquanto conversa comigo*]. Este apresentou consistência interna de 0,88.

Discussão

Esta pesquisa teve por objetivo adaptar e validar a Escala de *Phubbing* para Relacionamentos Amorosos para o contexto brasileiro. Para tanto, realizou-se dois estudos. No Estudo 1, foram feitas a tradução da escala, o teste de sua validade de conteúdo (a capacidade de seus itens de serem compreendidos pelos respondentes), sua validade fatorial (sua capacidade de ser congruente com o construto em estudo) e sua confiabilidade (o poder da escala de medir sem cometer erros). Para o Estudo 2, com o objetivo de verificar se os resultados do Estudo 1 se replicavam em uma segunda amostra, utilizou-se da análise fatorial confirmatória para averiguar a sua adequação estrutural. De acordo com o que foi exposto nos resultados, acredita-se que os objetivos propostos tenham sido alcançados.

No Estudo 1, através da análise fatorial, foi extraído um único fator, confirmando a estrutura unifatorial apresentada pelos autores na escala original (Roberts & David, 2016) e também pela análise fatorial exploratória realizada por Cizmeci (2017) em sua validação para o contexto turco. A estrutura apresentada é considerada apropriada visto que explica mais de 2/3 da variância total das respostas aos itens (82,2%) e uma confiabilidade acima do recomendado (0,96) seguindo com o padrão de alta confiabilidade que a escala tem tido ao redor do mundo: 0,91 em sua versão original, 0,89 em sua validação turca (Cizmeci, 2017), 0,80 no estudo chinês que utilizou a escala (Wang et al., 2017) e 0,93 em Porto Rico (González-Riviera, Segura-Abreu, & Urbistondo-Rodríguez, 2108), satisfazendo os critérios indicados pela literatura (Pasquali, 2009). Este estudo

difere do estudo original e demais estudos devido a remoção de um dos itens, fazendo com que a versão brasileira tenha 8 itens no total ao invés de 9.

Na análise fatorial confirmatória, no Estudo 2, as propriedades psicométricas encontradas se assemelham às do estudo original (Roberts, & David, 2016), às da validação Turca (Cismezi, 2017) às da validação Portuguesa (Água, et al., 2018) e da validação Porto Riquenha (González-Riviera, Segura-Abreu, & Urbistondo-Rodríguez, 2108), no que diz respeito aos índices de bondade em valores ótimos e boa fidedignidade. A diferença se mantém com relação ao item 7 da escala original, ao qual mantido na versão Turca e Porto Riquenha, retirado do presente estudo por apresentar baixa carga fatorial e na versão portuguesa apresentou baixos índices, entretanto os autores resolveram mantê-la sob o aviso da necessidade de revisar o item. Apesar dos resultados favoráveis, faz-se necessário apontar as limitações presentes, por exemplo, a amostra reduzida, não-probabilística e sendo composta em sua maioria por estudantes universitários ou pessoas com ensino superior completo, que implica na restrição de generalização dos resultados, entretanto isso não invalida os resultados, pois não havia o objetivo de generalização, mas de verificar a adequação psicométrica do instrumento, assim a amostra se justifica pelas estatísticas utilizadas (Pasquali, 1999). Diante das limitações citadas, sugere-se que o estudo seja replicado considerando amostras maiores e mais heterogêneas, como considerar outros tipos de validade, como a validade convergente, assim como testar a invariância fatorial considerando diferentes grupos.

De forma geral, os dados apontam para a Escala de *Phubbing* para Relacionamentos Amorosos como tendo bons parâmetros psicométricos que permitem seu uso tanto no contexto de diagnóstico (Pasquali, 2003) quanto de pesquisa (Clark & Watson, 1995). Em resumo, quanto maior for a pontuação atingida no instrumento, mais o respondente sofre *phubbing* de seu parceiro. Destaca-se também a característica parcimoniosa da escala, visto que ela é capaz de mensurar o *phubbing* em uma estrutura unidimensional comportando apenas 8 itens. Acredita-se que este trabalho contribui de forma significativa, visto que coopera para o aprofundamento da temática, em especial no contexto nacional onde o assunto começou a ser recém explorado, possibilitando novos estudos e sua utilização para avaliação do comportamento em casais, lançando justificativa para a criação de intervenções e programas de conscientização.

Referências

- Abeele, M., Antheunis, M. & Schouten, A. (2016). The effect of mobile messaging during a conversation on impression formation and interaction quality. *Computers in Human Behavior*, 62, 562-569. Retrieved from: <https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.04.005>
- Água, J., Coelho, C., Lourenço, M., Patrão, I. & Leal, I. Partner Phubbing (Pphubbing): Validação Portuguesa. In *Actas do 8º Congresso Internacional de Psicologia da Criança e Adolescente*, 200-201. Retrieved from: <http://actas.lis.ulusiada.pt/index.php/cipca/article/view/684>
- Baglin, J. (2014). Improving Your Exploratory Factor Analysis for Ordinal Data: A Demonstration Using FACTOR. *Practical Assessment, Research & Evaluation*, 19(5). Retrieved from: <http://pareonline.net/getvn.asp?v=19&n=5>
- Bradbury, T., Fincham, F. & Beach, S. (2000). Research on the nature and determinants of marital satisfaction: A decade in review. *Journal of marriage and family*, 62(4), 964-980. Retrieved from: <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2000.00964.x>
- Cha, E., Kim, K. & Erlen, J. (2007). Translation of scales in cross-cultural research: issues and techniques. *Journal of advanced nursing*, 58(4), 386-395. Retrieved from: <https://doi.org/10.1111/j.1365-2648.2007.04242.x>
- Chotpitayasunondh, V., & Douglas, K. (2016). How “phubbing” becomes the norm: The antecedents and consequences of snubbing via smartphone. *Computers in Human Behavior*, 63, 9-18. Retrieved from: <https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.05.018>
- Cizmeci, E. (2017). Disconnected, Though Satisfied: Pphubbing Behavior And Relationship Satisfaction. *The Turkish Online Journal of Design, Art and Communication*, 7(2), 364-375. Retrieved from: <https://doi.org/10.7456/10702100/018>
- Clark, L. & Watson, D. (1995). Constructing validity: Basic issues in objective scale development. *Psychological Assessment*, 7(3), 309-319. Retrieved from: <https://doi.org/10.1037/1040-3590.7.3.309>
- Duran, R., Kelly, L. & Rotaru, T. (2011). Mobile phones in romantic relationships and the dialectic of autonomy versus connection. *Communication Quarterly*, 59, 19-36. Retrieved from: <https://doi.org/10.1080/01463373.2011.541336>
- González-Rivera, J., Segura-Abreu, L., & Urbistondo-Rodríguez, V. (2018). Phubbing en las Relaciones Románticas: Uso del Celular, Satisfacción en la Pareja, Bienestar Psicológico y Salud Mental. *Interacciones*, 4(2), 81-91. Retrieved from: <https://doi.org/10.24016/2018.v4n2.117>
- Haigh, A. (2015). Stop phubbing. Retrieved from: <http://stopphubbing.com>
- Hair, J., Black, W., Babin, B., Anderson, R. & Tatham, R. (2009). *Análise multivariada de dados* (6ª ed.). Porto Alegre, RS: Bookman.
- Halpern, D. & Katz, J. (2017). Texting's consequences for romantic relationships: A cross-lagged analysis highlights its risks. *Computers in Human Behavior*, 71, 386-394. Retrieved from: <https://doi.org/10.1016/j.chb.2017.01.051>
- Holgado-Tello, F., Chacón-Moscoso, S., Barbero-García, I., & Vila-Abad, E. (2010). Polychoric versus Pear-

- son correlations in exploratory and confirmatory factor analysis of ordinal variables. *Quality and Quantity*, 44, 153-166. Retrieved from: <https://doi.org/10.1007/s11135-008-9190-y>
- Lenhart, A., & Duggan, M. (2014). Couples, the internet, and social media. *Pew Internet and American Life Project*. Retrieved from: <https://www.pewinternet.org/2014/02/11/couples-the-internet-and-social-media/>
- McDaniel, B. & Coyne, S. (2016). "Technoference": The interference of technology in couple relationships and implications for women's personal and relational well-being. *Psychology of Popular Media Culture*, 5(1), 85-98. Retrieved from: <http://dx.doi.org/10.1037/ppm0000065>
- Miller-Ott, A., Kelly, L. & Duran, R. (2012). The effects of cell phone usage rules on satisfaction in romantic relationships. *Communication Quarterly*, 60(1), 17-34. Retrieved from: <https://doi.org/10.1080/01463373.2012.642263>
- Misra, S., Cheng, L., Genevie, J., & Yuan, M. (2016). The iPhone effect: the quality of in-person social interactions in the presence of mobile devices. *Environment and Behavior*, 48(2), 275-298. Retrieved from: <https://doi.org/10.1177/0013916514539755>
- Oulasvirta, A., Rattenbury, T., Ma, L., & Raita, E. (2012). Habits make smartphone use more pervasive. *Personal and Ubiquitous Computing*, 16(1), 105-114. Retrieved from: <https://doi.org/10.1007/s00779-011-0412-2>
- Pasquali, L. (1999). *Instrumentos psicológicos: Manual prático de elaboração*. Brasília: Lab- PAM-ibapp.
- Pasquali, L. (2003). *Psicometria: teoria dos testes na psicologia e na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Pasquali, L. (2009). *Psychometrics. Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 43(SPE), 992-999. Retrieved from: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342009000500002>
- Przybylski, A. & Weinstein, N. (2013). Can you connect with me now? How the presence of mobile communication technology influences face-to-face conversation quality. *Journal of Social and Personal Relationships*, 30, 237-246. Retrieved from: <https://doi.org/10.1177/0265407512453827>
- R Core Team (2015). R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria.
- Rainie, L., & Zickuhr, K. (2015). Americans' views on mobile etiquette. *Pew Research Center*, 26. Retrieved from: <https://www.pewinternet.org/2015/08/26/americans-views-on-mobile-etiquette/>
- Roberts, J. & David, M. (2016). My life becomes a major distraction from my cell phone: Partner phubbing and relationship satisfaction among romantic partners. *Computers in Human Behavior*, 54, 134-141. Retrieved from: <http://dx.doi.org/10.1016/j.chb.2015.07.058>
- RosseeL, Y. (2012). Lavaan: An R Package for Structural Equation Modeling. *Journal of Statistical Software*, 48(2), 1-36. Retrieved from: <https://doi.org/10.18637/jss.v048.i02>
- Shapiro, A., & Ten Berge, J. (2002). Statistical inference of minimum rank factor analysis. *Psychometrika*, 67, 79-94. Retrieved from: <https://doi.org/10.1007/BF02294710>
- Siegel, D. (2010). *The mindful therapist: A clinician's guide to mindsight and neural integration*. New York, NY: Norton.
- Walsh, S., White, K. & Young, R. (2010). Needing to connect: The effect of self and others on young people's involvement with their mobile phones. *Australian Journal of Psychology*, 62(4), 194-203. Retrieved from: <https://doi.org/10.1080/00049530903567229>
- Wang, X., Xie, X., Wang, Y., Wang, P., & Lei, L. (2017). Partner phubbing and depression among married Chinese adults: The roles of relationship satisfaction and relationship length. *Personality and Individual Differences*, 110, 12-17. Retrieved from: <https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.01.014>